

O Evangelho segundo o Espiritismo (trad. Herculano Pires) – **Cap. XII. Amai os vossos inimigos – Instruções dos Espíritos: A vingança**

9. A vingança é um dos últimos resíduos dos costumes bárbaros, que tendem a desaparecer dentre os homens. Ela é, como o duelo, um dos derradeiros vestígios daqueles costumes selvagens em que se debatia a humanidade, no começo da era cristã. Por isso, a vingança é um índice seguro do atraso dos homens que a ela se entregam, e dos Espíritos que ainda podem inspirá-la. Portanto, meus amigos, esse sentimento jamais deve fazer vibrar o coração de quem quer que se diga e se afirme espírita. Vingar-se é ainda, vós o sabeis, de tal maneira contrário a este preceito do Cristo: “Perdoai aos vossos inimigos”, que aquele que se recusa a perdoar, não somente não é espírita, como também não é cristão.

A vingança é um sentimento tanto mais funesto, quanto a falsidade e a vileza são suas companheiras assíduas. Com efeito, aquele que se entrega a essa paixão cega e fatal quase nunca se vinga às claras. Quando é o mais forte, precipita-se como uma fera sobre o que considera seu inimigo, pois basta vê-lo para que se inflamem a sua paixão, a sua cólera e o seu ódio. No mais das vezes, porém, assume uma atitude hipócrita, dissimulando no mais profundo do seu coração os maus sentimentos que o animam. Toma, então, caminhos escusos, seguindo o inimigo na sombra, sem que este desconfie, e aguarda o momento propício para ferí-lo sem perigo. Ocultando-se, vigia-o sem cessar, prepara-lhe ciladas odiosas, e quando surge a ocasião, derrama-lhe o veneno na taça.

Se o seu ódio não chega a esses extremos, ataca-o na sua honra e nas suas afeições. Não recua diante da calúnia, e suas pérfidas insinuações, habilmente espalhadas em todas as direções, vão crescendo pelo caminho. Dessa maneira, quando o perseguido aparece nos meios atingidos pelo seu sopro envenenado, admira-se de encontrar semblantes frios onde outrora havia rostos amigos e bondosos; fica estupefato, quando as mãos que procuravam a sua agora se recusam a apertá-la; enfim, sente-se aniquilado, quando os amigos mais caros e os parentes o evitam e se esquivam dele. Ah!, o covarde que se vinga dessa forma é cem vezes mais criminoso que aquele que vai direto ao inimigo e o insulta face a face!

Para trás, portanto, com esses costumes selvagens! Para trás com esses hábitos de outros tempos! Todo espírita que pretendesse ter, ainda hoje, o direito de vingar-se, seria indigno de figurar por mais tempo na falange que tomou por divisa o lema: *Fora da caridade não há salvação*. Mas não, não me deterei em semelhante ideia, de que um membro da grande família espírita possa jamais ceder ao impulso da vingança, mas, pelo contrário, ao do perdão. (Jules Olivier - Paris, 1862)

Revista espírita - Ano V - Agosto de 1862 - Dissertações Espíritas: A vingança

A vingança é agradável ao coração, disse o poeta. Oh! pobres cegos, que dais livre curso à mais horrenda das paixões, credes fazer mal ao próximo quando o golpeais e não notais que eles se voltam contra vós. Ela não só é um crime, mas absurda

falta de habilidade. É, como seus irmãos o rancor, o ódio, o ciúme, filhos do orgulho, o meio de que se servem os Espíritos das trevas para atrair a si aqueles que receiam lhes escapem; é o mais infalível instrumento de perdição posto nas mãos dos homens pelos inimigos que se encarnizam na sua decadência moral. Resisti, filhos da Terra, a esse culposo arrastamento, e ficai certos de que, se alguém mereceu a vossa cólera, não será no paroxismo do rancor que encontrareis a calma de consciência. Ponde nas mãos do Todo-Poderoso o cuidado de se pronunciar sobre os vossos direitos e sobre a justiça de vossa causa. Há na vingança algo de ímpio e de degradante para o Espírito.

Não, a vingança não é compatível com a perfeição. Enquanto uma alma conservar tal sentimento ficará nas regiões mais miseráveis do mundo dos Espíritos. Mas, como os outros, o vosso não será o eterno juguete dessa paixão infeliz; e posso garantir que a abolição da falsa noção do inferno eterno, ou, antes, da danação eterna, que tem servido de pretexto ou de escusa para atos de vingança, será a aurora de uma nova era de tolerância e de mansuetude, que não tardará a estender-se até às regiões privadas da vida moral. Poderia o homem condenar a vingança quando lhe apresentavam Deus como ciumento e se vingando por torturas sem fim? Cessai, pois, ó homens, de insultar a Divindade, emprestando-lhe as vossas mais ignóbeis paixões. Então sereis, ó habitantes da Terra, um povo abençoado por Deus. Vós que me escutais, fazei de modo que, liberta a vossa alma do culposo e vergonhoso móvel dos atos mais contrários à caridade, mereçais serdes admitidos no recinto sagrado, no qual só a caridade pode abrir as portas.

(Pierre Ange, Espírito Protetor)

“Portanto, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber; porque, fazendo isto, amontoarás brasas de fogo sobre a sua cabeça.” — Paulo. ([Romanos, 12.20](#))

O homem, geralmente, quando decidido ao serviço do bem, encontra fileiras de adversários gratuitos por onde passe, qual ocorre à claridade invariavelmente assediada pelo antagonismo das sombras.

Às vezes, porém, seja por equívocos do passado ou por incompreensões do presente, é defrontado por inimigos mais fortes que se transformam em constante ameaça à sua tranquilidade. Contar com inimigo desse jaez é padecer dolorosa enfermidade no íntimo, quando a criatura ainda não se afeiçoou a experiências vivas no Evangelho.

Quase sempre, o aprendiz de boa vontade desenvolve o máximo das próprias forças a favor da reconciliação; no entanto, o mais amplo esforço parece baldado. A impenetrabilidade caracteriza o coração do outro e os melhores gestos de amor passam por ele despercebidos.

Contra essa situação, todavia, o Livro Divino oferece receita salutar. Não convém agravar atritos, desenvolver discussões e muito menos desfazer-se a criatura bem-intencionada em gestos bajulatórios. Espere-se pela oportunidade de manifestar o bem.

Desde o minuto em que o ofendido esquece a dissensão e volta ao amor, o serviço de Jesus é reatado; entretanto, a visão do ofensor é mais tardia e, em muitas ocasiões, somente compreende a nova luz, quando essa se lhe converte em vantagem ao círculo pessoal.

Um discípulo sincero do Cristo liberta-se facilmente dos laços inferiores, mas o antagonista de ontem pode persistir muito tempo, no endurecimento do coração. Eis o motivo pelo qual dar-lhe todo o bem, no momento oportuno, é amontoar o fogo renovador sobre a sua cabeça, curando-lhe o ódio, cheio de expressões infernais.

(Pão nosso – Emmanuel – 166. Cura do ódio)

O Novo Testamento (trad. Haroldo Dutra) – **Mateus 5: 21-26 - Seis contrastes na interpretação da lei** (Lc 6:27-36, 12:57-59)

Mateus 5:21 Ouvistes que foi dito aos antigos: “Não matarás” e “aquele que matar estará sujeito a julgamento”.

5:22 Eu, porém, vos digo que todo aquele que se encoleriza com seu irmão estará sujeito a julgamento; e quem disser ao seu irmão “Raca” ¹ estará sujeito ao Sinédrio; e quem disser “louco” estará sujeito ao Geena ² do fogo.

5:23 Portanto, se estiveres oferecendo tua oferta sobre o altar, e ali te lembrares que teu irmão tem algo contra ti, ^{5:24} deixa ali tua oferta, diante do altar, vai e reconcilia-te primeiramente com teu irmão; então, vem e oferece tua oferta.

5:25 Sê benevolente depressa com teu adversário, enquanto estás no caminho com ele; para que o adversário não te entregue ao Juiz, e o Juiz te entregue ao Oficial, e sejas lançado na prisão.

5:26 Amém vos digo que de modo nenhum sairás dali até que restituas o último quadrante ³.

¹ (Nota de rodapé da tradução HD) **Raca**: Palavra aramaica cognata do termo hebraico "rêq" (vazio). Expressão utilizada na linguagem coloquial para expressar desprezo, com o significado de "cabeça-oca, cabeça-de-vento, cabeça vazia, sem miolos, tolo, bobo.

² (Nota de rodapé da tradução HD) **Geena**: Transcrição do vocábulo aramaico "Gê Hinnam" (γέενναν) (Vale do Hinnom), local em que estava situado o altar de Moloch, onde eram queimadas vivas as crianças, em oferta àquela divindade pagã. O Rei Josias destruiu o local do culto, transformando-o em depósito de lixo de Jerusalém e monturo onde se lançavam os cadáveres de animais, para ser tudo queimado. Após a morte do Rei Josias, o culto a Moloch foi restabelecido. Os apócrifos atribuem ao vale o símbolo do castigo dos maus, passando o local a representar o castigo que purifica os pecadores, também conhecido como "vale dos gemidos". Essa tradição popular estava viva na época de Jesus.

³ (Nota de rodapé da tradução HD) **Quadrante**: Moeda romana utilizada na época, valendo aproximadamente 1/4 (um quarto) de um centavo.

O Evangelho segundo o Espiritismo (trad. Herculano Pires) – **Cap. 12. Amai os vossos inimigos – Os inimigos desencarnados**

(...) **6.** Pode-se, pois, ter inimigos entre os encarnados e os desencarnados. Os inimigos do mundo invisível manifestam sua malevolência pelas obsessões e subjugações, a que tantas pessoas estão expostas, e que representam uma variedade das provas da vida. Essas provas, como as demais, contribuem para o desenvolvimento e devem ser aceitas com resignação, como uma consequência da natureza inferior do globo terrestre: se não existissem homens maus na Terra, não haveria Espíritos maus ao redor da Terra. Se devemos, portanto, ter indulgência e benevolência para os inimigos encarnados, igualmente as devemos ter para os que estão desencarnados.

Antigamente, ofereciam-se sacrifícios sangrentos para apaziguar os deuses infernais, que nada mais eram do que os Espíritos maus. Aos deuses infernais sucederam os demônios, que são a mesma coisa. O Espiritismo vem provar que esses demônios não são mais do que as almas de homens perversos, que ainda não se despojaram dos seus instintos materiais; *que não se pode apaziguá-los senão pelo sacrifício dos maus sentimentos, ou seja, pela caridade*; e que a caridade não tem apenas o efeito de impedi-los de fazer o mal, mas também de induzi-los ao caminho do bem e contribuir para a sua salvação. É assim que a máxima: *Amai aos vossos inimigos*, não fica circunscrita ao círculo estreito da Terra e da vida presente, mas integra-se na grande lei da solidariedade e da fraternidade universais.

O Pai Excelso esculpiu potencialmente na alma de todos os seus filhos a beleza e a sublimidade da sua Lei a expressar-se não somente em Amor Infinito para todos os seres, mas igualmente em dignidade para todas as criaturas.

Em razão disso, a Misericórdia Divina atende a múltiplos meios de auxílio, desdobrando-os em favor dos Espíritos sofredores e transviados, promovendo a criação de obstáculos que refazem a esperança, de lutas que desenvolvem faculdades entorpecidas, de aflições que impulsionam a procura da paz e de dores que recuperam e reeducam; todavia, o entendimento mais obtuso e a sensibilidade mais empedernida em acordando, um dia, para a realidade, contemplam a si mesmos e suspiram pela respeitabilidade espiritual que legitima o selo da elevação...

E o primeiro impulso que lhes orienta o novo roteiro é justamente aquele do homem irrepreensível que busca o resgate dos próprios débitos, levantando o caráter perante a luz.

Ainda mesmo que a dívida lhes reclame séculos de tormento, ao tormento se entregam, renovados e confiantes, na certeza de que o tempo, como graça de Deus, lhes facultará possibilidade e socorro para que se refaçam.

O perdão, na vida, qual ocorre na organização bancária do mundo, será empréstimo de recursos, moratória benevolente, reforma de compromissos e

aval generoso e nobre, com bases na solidariedade e na tolerância, porque, em verdade pura, consciência nenhuma, quando voltada ao bem, deseja inocentar-se e, agora, hoje ou amanhã, consagra-se a pagar seus débitos no mundo para reerguer-se, limpa, ante a Justiça Eterna que coroa de luz quem lavou, por fim, o mal das suas próprias contas, em ceitel por ceitel.

(Fé, paz e amor – Emmanuel – 11. Estudando o perdão)

O Livro dos Espíritos (trad. Herculano Pires) - **Livro 3. Leis Morais - Cap. 11. Lei de Justiça, amor e caridade - Caridade e Amor ao próximo**

887. Jesus ensinou ainda: “Amai aos vossos inimigos”. Ora, um amor pelos nossos inimigos não é contrário às nossas tendências naturais, e a inimizade não provém de uma falta de simpatia entre os Espíritos? — Sem dúvida não se pode ter, para com os inimigos, um amor terno e apaixonado. E não foi isso que ele quis dizer. Amar aos inimigos é perdoá-los e pagar-lhes o mal com o bem. É assim que nos tornamos superiores; pela vingança nos colocamos abaixo deles.

O Evangelho segundo o Espiritismo (trad. Herculano Pires) – **Cap. 12. Amai os vossos inimigos - Se alguém te ferir na face direita**

7. Vós tendes ouvido o que se disse: Olho por olho e dente por dente. Eu, porém, digo-vos que não resistais ao mal; mas se alguém te ferir na tua face direita, oferece-lhe também a outra; e ao que quer demandar-te em juízo, e tirar-te a túnica, larga-lhe também a capa; e se alguém te obrigar a ir carregado mil passos, vai com ele ainda mais outros dois mil. Dá a quem te pede, e não volte às costas ao que deseja que lhe emprestes. (Mateus, V: 38-42).

8. Os preconceitos do mundo, a respeito daquilo que se convencionou chamar ponto de honra, dão esta suscetibilidade sombria, nascida do orgulho e do exagerado personalismo, que leva o homem à geralmente retribuir injúria por injúria, golpe por golpe, o que parece muito justo para aqueles cujo senso moral não se eleva acima das paixões terrenas. Eis por que dizia a lei mosaica: Olho por olho e dente por dente, mantendo-se em harmonia com o tempo em que Moisés vivia. Mas veio o Cristo e disse: “*Não resistais aos que vos fizer mal; mas se alguém te ferir na tua face direita, oferece-lhe também a outra*”. Para o orgulhoso, esta máxima parece uma covardia, porque ele não compreende que há mais coragem em suportar um insulto, que em se vingar. E isto, sempre, por aquele motivo que não lhe permite enxergar além do presente. Deve-se, entretanto, tomar essa máxima ao pé da letra? Não, da mesma maneira que aquela que manda arrancar o olho, se ele for causa de escândalo. Levada às últimas consequências, ela condenaria toda repressão, mesmo legal, e deixaria os campos livres aos maus, que nada teriam a temer; não se pondo freio às suas agressões, bem logo todos os bons seriam suas vítimas. O próprio instinto de conservação, que é uma lei da natureza, nos diz que não devemos entregar de boa-vontade o pescoço ao assassino. Por essas palavras, Jesus não

proibiu a defesa, mas condenou a vingança. Dizendo-nos, para oferecer uma face quando formos batidos na outra, disse, por outras palavras, que não devemos retribuir o mal com o mal; que o homem deve aceitar com humildade tudo o que tende a reduzir-lhe o orgulho; que é mais glorioso para ele ser ferido que ferir; suportar pacientemente uma injustiça que cometê-la; que mais vale ser enganado que enganar, ser arruinado que arruinar os outros. Isto, ao mesmo tempo, é a condenação do duelo, que nada mais é que uma manifestação do orgulho. A fé na vida futura e na justiça de Deus, que jamais deixa o mal impune, é a única que nos pode dar força de suportar, pacientemente, os atentados aos nossos interesses e ao nosso amor próprio. Eis por que vos dizemos incessantemente: voltai os vossos olhos para o futuro; quanto mais vos elevardes, pelo pensamento, acima da vida material, menos sereis feridos pelas coisas da Terra.

Sugerimos que assistam: Rossandro Klinjey: Perdão, Autoperdão e Convivência
<https://youtu.be/imu5GucAXrM?si=PvWCAGXuyNgDUaIR>